

## *Brasileirismos no português de Angola?*

A. JARUSHKIN

As particularidades do português do Brasil continuam a atrair a atenção de numerosos investigadores quer no Brasil e em Portugal, quer n'outros países do mundo. Os romanistas soviéticos O. K. Vassilieva-Svede, H. M. Wolf, H. G. Golubeva, A. M. Gakh, A. M. Koss, I. I. Magushinetz e alguns outros<sup>1</sup> têm contribuído também para o estudo das diferentes faces da «variante nacional brasileira da língua portuguesa» — esta definição da língua portuguesa no Brasil feita pelo académico soviético G. V. Stepanov está reconhecida hoje no próprio Brasil<sup>2</sup>. Porém a solução do problema particular dos africanismos no português do Brasil ficava até agora reservada quase exclusivamente para os linguístas brasileiros. Entre eles convém citar expressamente os nomes de Serafim da Silva Neto, Gladstone Chaves de Melo, Renato Mendonça, Ilídio de Lima Coutinho e outros<sup>3</sup>.

A proclamação da independência dos cinco Estados de expressão oficial portuguesa na África abriu novos caminhos e possibilidades perante os linguístas. Um dos aspectos importantes neste domínio é o estudo de correlações entre as particularidades da língua portuguesa no Brasil e em Angola. Os primeiros passos na referida direcção já foram dados nos artigos de E. Gärtner e do autor que os dedicaram à análise das particularidades gramaticais comuns para o português do Brasil e de Angola<sup>4</sup>.

<sup>1</sup> Vassilieva-Svede, O. K., *K voprosu o portugal'skom iazyke v Brasílii*, 1947; Wolf, H. M., *Portugal'ski iazyk v Brasílii*, 1964 e outr; Gakh, M. A., *Niekotorye sintaksitcheskie osobennosti brasil'skogo varianta portugal'skogo iasyka*, 1974; Golubeva, H. G., *K stanovlienyu natsional'no-go iasyka Brasílii*, 1974; Koss, A. M., *Ob odnom iavlenii v prostoreichii portugal'skogo iasyka v Brasílii*, 1971; Magushinetz, I. I., *Sintaksitcheskie osobennosti brasil'skogo varianta portugal'skogo iasyka*, 1980, etc.

<sup>2</sup> V.: Cunha C., *Língua, Nação, Alienação*, Rio de Janeiro, 1981.

<sup>3</sup> Silva Neto, S., *Introdução ao estudo da Língua Portuguesa no Brasil*, Rio de Janeiro, 1963; Chaves de Melo, G., *A Língua do Brasil*, Rio de Janeiro, 1981; Mendonça, R., *A Influência africana no Português do Brasil*, Rio de Janeiro, 1933; Lima Coutinho, I., *Pontos de Gramática Histórica*, Rio de Janeiro, 1973, etc.

<sup>4</sup> Gärtner, E., *Syntaktische Besonderheiten des Portugiesischen in Angola*, Wissenschaftliche Zeitschrift der Humboldt-Universität zu Berlin, 1983, N. 3; Jarushkin, A. A., *K Probleme obchnosti grammaticheskikh osobennostey portugal'skogo iasyka Angoly i Brasílii*, 1984.

Nesta intervenção eu queria abordar o assunto dos chamados «brasileirismos» do nível lexical que se empregam de igual modo no português de Angola, e expressar neste comenos algumas considerações, acerca do termo «brasileirismo».

Como é sabido, a partir do século XVI muitos empréstimos das línguas bantu (em particular do quimbundo) penetraram no português do Brasil através da fala dos escravos africanos, cuja considerável parte (alguns milhões de pessoas) tinha sido levada de Angola. Para o momento actual alguns empréstimos desapareceram, outros passaram para a divisão dos historismos, muitas vezes com a significação diferente da primária, p. ex.: «angana» - «forma de tratamento dos escravos à sua dona» (cf. ang. «ngana» - «senhora»), «macamba» - «forma de tratamento entre os escravos que viviam e trabalhavam juntos» (cf. ang. «camba» - «camarada»), «quilombo» - «aldeia situada no meio da selva onde se reuniam escravos fugitivos» (cf. ang. arc. «Quilombo» - «aldeia no mato»), etc.

Algumas palavras de procedência angolana mudaram da sua semântica, guardando a forma, p. ex.: «cacimba» - «poço artificial» (cf. ang. «lugar baixo onde se junta a água»), «macuta» - «ninharia» (cf. ang. antiga moeda angolana de baixo valor»), etc.

Outras palavras de procedência angolana receberam na variante brasileira uma nova acentuação, guardando a sua significação, p. ex.: «fubá» (cf. ang. «fuba»), «gongolô» (cf. ang. «gongolo»), «matetê» (cf. ang. «matete»).

E óbvio que agora todos estes vocábulos pertencem as diferentes variantes da língua portuguesa; sendo assim devem ser vistos como elementos dos subsistemas lexicais diferentes. Porém muitas unidades nominativas emprestadas pela variante brasileira das línguas africanas de Angola, coincidem presentemente pela sua forma e pela sua significação com as unidades lexicais da variante angolense, p. ex.: «banzar, cacula/cassule, dengo, liamba, malamba, marimbondo, moleque (=servente), moringa, muxoxo, quiabo, xi!, xingar».

No vocabulário comum para o português do Brasil e de Angola (mas diferente do de Portugal) é possível distinguir as palavras ou as combinações de palavras que surgiram sem influência do substrato africano ou índio, p. ex.: «aviado, azular, cabrito (= mestiço claro), cadê?, cangaço, churrasco, copo d'água (=pequena farra), dama (=mulher da rua), estrada de ferro (somente na língua popular em Angola), matabicho (=gorjeta), mato, ser mato, pau-a-pique, pirão, praça (=capital), prosa (=namoro), virar (=tornar-se)».

Além disso uma certa parte dos vocábulos de procedência brasileira ausentes na variante europeia da língua portuguesa, penetrou na variante angolense, p. ex.: «capim (=qualquer erva), capina, catinga, dendê, garapa, surucucu». Pode-se juntar-lhes os novíssimos empréstimos que dizem respeito a esfera da cultura, p. ex.: «baião, conga, merengue, passista».

Porém a semelhante classificação em três grupos baseada na determinação da fonte de empréstimos, nem sempre pode reflectir seguramente os processos linguísticos reais. Por exemplo, a palavra de origem africana (da língua quimbunda) «quitanda» começou a ser empregue na língua portuguesa de Angola «perto de 1648 *sob a influência brasileira*»<sup>5</sup>. Simultaneamente em Angola e no Brasil teria surgido a significação da palavra «mato». O verbo «capinar» derivado do substantivo «capim», um empréstimo das línguas índias, aparecera no português de Angola e no do Brasil provavelmente sem uma influência recíproca notória, assim como os outros verbos

<sup>5</sup> *O Angolense*, Luanda, 1976, 6 de Março, p. 6.

formados dos substantivos «comuns» (cf. «muxoxo» > bras. «muxoxear» - ang. «muxoxar», «farrá» > bras. «farrrear» - ang. «farrar»). Segundo parece, por meio da formação independente e paralela surgiram no português de Angola e do Brasil as palavras «batucada, colosso (= muito bom, vantajoso), poucadinho, traquino». Além disso a etimologia de uma parte do vocabulário «angolano-brasileiro» fica até agora escura e discutível, p. ex.: «cambuta»/Orig. ?/, «canjica»/Orig. ?/, etc.

A existência das unidades lexicais cujo processo de adaptação na língua não se pode considerar indiscutível, põe dúvidas da legitimidade da classificação etimológica simplicista e unilateral da camada lexical comum para o Brasil e para Angola. Além disso não se deve esquecer que o ritmo de desenvolvimento do português no Brasil, i.e. da formação da variante brasileira, foi mais acelerado que o do desenvolvimento do português em Angola. Este facto podia levar à melhor adaptação na variante angolense de certas unidades lexicais —brasilismos da origem até africana (empréstimos do quimbundo), a não dizer já das particularidades que apareceram graças aos processos linguísticos internos do próprio português.

A análise dos artigos nos dicionários e nas outras obras lexicográficas da língua portuguesa demonstrou que eles indicam na maioria esmagadora dos casos a pertença dos vocábulos usados tanto no Brasil como em Angola a um só subsistema lexical, i. e. ao brasileiro. Ao mesmo tempo a análise do contexto linguístico nas obras dos autores angolanos e o inquérito especial feito por entre os informantes angolanos verificaram que as palavras em questão não se ligam na consciência destes com a influência brasileira (com excepção, talvez, dos empréstimos mais recentes do campo da cultura).

Torna-se assim fundamentado considerar toda a camada lexical da variante angolense como um grupo único dos «angolismos-brasilismos». Os estudos ulteriores dos subsistemas lexicais do português em outros países africanos poderiam contribuir para a divisão mais generalizada, quer dizer para a separação das unidades «afro-brasileiras», p. ex.: o verbo «virar (= tornar-se)» usado com esta significação no Brasil, encontra-se também no português de todos os países lusófonos da África.